

EDUCAÇÃO E LITERATURA INFANTIL: UM ESTUDO SOBRE A VIOLÊNCIA SIMBÓLICA NOS CONTOS

Simone Lucinda Cordiro Beijo¹

Eraldo Carlos Batista²

Submetido em: 19 nov. 2019.

Aceito em: 24 abr. 2020.

RESUMO

A violência começa antes mesmo de se iniciar a fase escolar, mas é no contexto do espaço escolar que a violência simbólica passa a ser concretizada. O objetivo deste estudo foi identificar e analisar as manifestações de violências simbólicas existentes nos contos infantis representadas nas narrativas. Utilizando-se da abordagem qualitativa, as narrativas foram analisadas sob a perspectiva da Análise do Discurso. Para compor este trabalho foram selecionados três contos: os contos da Mamã Gansa *A Bela Adormecida* e *Cinderela*, de Charles Perrault e reescritos pelos irmãos Grimm, e *Branca de Neve*, de autoria apenas dos irmãos Grimm. As narrativas permitiram a identificação de três categorias temáticas de análises: a beleza como alvo de perseguição e punição, a violência simbólica por meio da dominação masculina e a violência moral e física. Conclui-se que a violência simbólica existente nos contos infantis é manifestada por meio das ações instrumentais e pedagógicas e serve como um meio de reprodução da dominação de certos grupos por outros a partir do estabelecimento de valores simbólicos habituais.

Palavras-chave: Literatura infantil. Violência simbólica. Contos infantis.

EDUCATION AND CHILD LITERATURE: A STUDY ON SYMBOLIC VIOLENCE IN THE TALES

ABSTRACT

Violence begins even before we begin the school phase, but it is in the context of the school that symbolic violence happens to be realized. The objective with this study was to identify and analyze the manifestations of symbolic violence existing in the children's

¹ Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR). E-mail: simonerafaelbeijo@hotmail.com

² Doutor em Psicologia pela PUC/RS, Mestre em Psicologia UNIR, Professor colaborador do Departamento de Educação da UNIR Campus de Rolim de Moura – RO. E-mail: eraldo.cb@hotmail.com

stories represented in the narratives. Using the qualitative approach, the narratives were analyzed from the perspective of Discourse Analysis. To compose this work, three short stories were selected: the tales of Mother Goose "Sleeping Beauty" and "Cinderella", by Charles Perrault and rewritten by the brothers Grimm, and "Snow White", written only by the Grimm brothers. The narratives allowed the identification of three thematic categories of analysis: beauty as a target of persecution and punishment, symbolic violence through male domination and moral and physical violence. It is concluded that the symbolic violence existing in children's tales is manifested through instrumental and pedagogical actions and serves as a means of reproducing the domination of certain groups by others from the establishment of habitual symbolic values.

Keywords: Children's literature. Symbolic violence. Children's stories.

1 INTRODUÇÃO

Ouvir ou contar histórias é um hábito milenar entre os humanos que se encontra revestido de inúmeros significados e está interligado ao desenvolvimento da imaginação, à capacidade de ouvir e de se expressar, à construção de identidade e aos cuidados afetivos. O primeiro contato da criança com as histórias acontece no ambiente familiar por meio dos contos infantis, das histórias bíblicas, de histórias inventadas e de tantas outras apresentadas oralmente pelos pais ou irmãos mais velhos, mas é na vida escolar que esse contato se intensifica (OLIVEIRA; BATISTA; FERREIRA, 2016).

Na cultura ocidental os contos infantis desempenham um delicado papel no processo de aprendizado e de socialização das crianças, uma vez que representam as narrativas às quais elas são constantemente expostas, e por esse motivo é extremamente importante pensar no impacto que tais narrativas possam vir a ter, direta ou indiretamente, no desenvolvimento do olhar dessas crianças sobre o mundo e sobre si mesmas (CARDOSO; PAZÓ, 2017), sobretudo no que diz respeito às formas existentes de violência.

Vale lembrar que a violência não se limita apenas quanto à agressão física. Entre outras formas de violência, a simbólica, como afirma Bourdieu (2012), direciona-se a quem possui a dominação de poder, inculcando valores, *hábitus* e comportamentos, e a vítima que sofre esse tipo de violência, mesmo que simbólica,

será afetada, sentindo-se inferior aos demais grupos.

A partir desse contexto, compreende-se que o contar histórias não é somente um entretenimento, mas um experimento do exercício da vivência, à literatura infantil e aos contos destinados ao público infantil, das relações ideológicas existentes nas narrativas dos personagens e da contextualidade dos fatos, que compõem um simbolismo. A partir do exposto e considerando que a violência simbólica existente nos contos infantis é manifestada por meio das ações instrumentais e pedagógicas utilizadas pelo professor na educação infantil, este estudo teve como questão norteadora a seguinte indagação: como se manifesta a violência simbólica nos contos infantis utilizados na educação das crianças?

Para responder tal problemática, o artigo tem como objetivo geral identificar e analisar as manifestações de violências simbólicas existentes nos contos infantis representadas nas narrativas.

2 OS CONTOS INFANTIS

Os contos mais modernos devem a sua origem a Charles Perrault. Segundo Benedetti (2012), a autoria desses contos, publicados pela primeira vez em 1697, foi atribuída pelo próprio Charles Perrault a Pierre Darmancour, seu filho, que tinha então 19 anos. O objetivo era escapar das críticas de seus opositores na famosa polêmica entre os defensores dos antigos e os dos modernos. Somente a partir de 1781 a obra passaria a ser definitivamente atribuída a Charles Perrault.

A origem dos textos utilizados por Perrault não é datada. Como tudo o que pertence à cultura popular, não tem paternidade nem certidão de nascimento. No entanto, seus contos estão impregnados da época em que foram fixados por escrito. Roupagens, costumes, conceitos e preconceitos são do século XVII. E assim fixados chegaram até nós. (BENEDETTI, 2012, p. 13).

Algumas dessas narrativas foram recontadas pelos Irmãos Grimm, Jacob (1785-1863) e Wilhelm (1786-1859), filólogos, folcloristas, estudiosos da mitologia germânica, que viajaram no século XIX por todas as regiões de língua alemã coletando, da memória popular, antigas narrativas maravilhosas, lendas e sagas as quais transcreviam durante a noite. Esse fantástico material foi usado de forma

sensível e com preocupação de estilo, conservando a ingenuidade popular, a fantasia e o poético em uma coletânea conhecida hoje como Literatura Clássica Infantil (MATOS, 2014).

Para Schneider e Torossian (2009), a literatura registra que são histórias transmitidas de geração a geração e que, mesmo com toda a tecnologia existente, mantêm seu espaço de destaque narrativo à infância. Já não se reservam apenas à função de distração ou de acalanto ao sono das crianças; seu poder se expressa na magia e na fantasia que despertam no infante. Tornam-se, assim, alvo do estudo científico de diversas ciências do conhecimento e do desenvolvimento infantil, como a Pedagogia, a Psicologia e, em especial, a Psicanálise.

Existem registros antigos sobre os contos nas mais diversas culturas, os quais têm encantado várias gerações em diferentes países e, antes mesmo de serem registrados pela escrita na forma como são conhecidos, eram responsáveis pela formação coletiva da espiritualidade e da cultura de inúmeros povos (OLIVEIRA, 1993 *apud* SCHNEIDER; TOROSSIAN, 2009). Os contos narrados na antiguidade não eram destinados ao universo infantil, uma vez que as histórias eram repletas de cenas de sexo, violência, canibalismo, morte, incesto e outros componentes do imaginário dos adultos, que refletiam seus medos e também fatos que ocorriam no mundo primitivo. Originalmente elaborados para o mundo adulto, ao longo do tempo, com o desenvolvimento das “noções” de infância, os contos passaram a sofrer adaptações no sentido de contemplarem as necessidades das crianças, bem como de sua vida imaginária (ZINELLI, 2015).

Bettelheim (2014, p. 15) pontua que:

Ao contrário do que acontece em muitas estórias infantis modernas, nos contos de fadas o mal é tão onipresente quanto a virtude. Em praticamente todo conto de fadas o bem e o mal recebem corpo na forma de algumas figuras e de suas ações, já que bom e mal, são onipresentes na vida e as propensões para ambos estão presentes em todo homem. É esta dualidade que coloca o problema moral e requisita a luta para resolvê-lo.

Portanto, segundo Almeida (2006), os contos de fadas descrevem o mundo por meio de sua riqueza simbólica, descrevem a realidade subjetiva da mente humana, tornando-a mais verdadeira, provocando o indivíduo a refletir sobre os aspectos mais

obscuros de seu psiquismo que não podem ser alcançados por intermédio do pensamento consciente. Então, pontua Michaud (2001, p. 119):

[...] há violência quando, numa situação de interação, um ou vários atores agem de maneira direta ou indireta, maciça ou esparsa, acusando danos a uma ou várias pessoas em graus variáveis, seja em sua integridade física, seja em sua integridade moral, em suas posses, ou em suas participações simbólicas e culturais.

A violência simbólica perpassa o contexto escolar de forma sutil e é de difícil percepção pelos próprios executores das ações realizadas, gerando um ambiente de tensão cotidiana (MENDONÇA, 2012, p. 18). Nesse mesmo sentido, nos conceitos de Bourdieu (2007), o autor esclarece que essa violência simbólica é revista por meio do exercício do poder simbólico, o qual se refere ao poder de impor – ou mesmo de inculcar – instrumentos de conhecimento e de expressão arbitrários, embora ignorados como tal da realidade social. As próprias instituições de ensino, que deveriam proporcionar um ambiente propício a interações positivas e à desconstrução de preconceitos adquiridos em outros contextos, acabam, de alguma forma, contribuindo para a propagação de comportamentos danosos (CARDOSO; PAZÓ, 2017). Nessa mesma direção, Gomes (2002, p. 45) afirma que:

A escola impõe padrões de currículo, de conhecimento, de comportamentos e também de estética. Para estar dentro da escola é preciso apresentar-se fisicamente dentro de um padrão, uniformizar-se. A exigência de cuidar da aparência é reiterada, e os argumentos para tal nem sempre apresentam um conteúdo racial explícito. Muitas vezes esse conteúdo é mascarado pelo apelo às normas e aos preceitos higienistas.

Pode-se destacar essa violência simbólica no campo educacional, a qual muitas vezes passa despercebida: a violência das omissões e do discurso hegemônico e a violência psíquica, destacando-se o próprio professor, ao mediar as histórias dos contos infantis voltado às suas atitudes autoritárias, que por sua vez serão expressadas na indisciplina das crianças no interior da sala de aula. Segundo Miranda (2010, p. 21), associam-se tais fatos manifestos nos contos em que:

[...] as crianças, no geral, associaram, assim como a beleza, várias virtudes como sendo naturais às boas princesas, aspectos como delicadeza, inteligência, elegância, bondade, etc. [...] Além desses aspectos a descrição de uma princesa bonita também contemplava bons comportamentos que são reforçados pelos pais, tais como cuidar da higiene, ser carinhosa, ajudar os

outros, ser educada e limpa.

Segundo Matos (2014), com relação à estrutura narrativa, os contos de fadas iniciam-se com um problema vinculado à realidade (estado de penúria, carência afetiva, conflito entre mãe e filho) que desequilibra a tranquilidade inicial. O desenvolvimento é uma busca de soluções, no plano da fantasia, com a introdução de elementos mágicos (fadas, bruxas, anões, duendes, gigantes, talismãs, etc.). A ordem é restaurada quando acontece, no desfecho da narrativa, uma volta ao real. Por meio dessa estrutura fixa, “[...] os autores, de um lado, demonstram que aceitam o potencial imaginativo infantil e, de outro, transmitem à criança a ideia de que ela não pode viver indefinidamente no mundo da fantasia, sendo necessário assumir o real, no momento certo.” (ABRAMOVICH, 2009, p. 120).

Para Amaral (2004), não resta dúvida de que a literatura infantil também tem contribuído assiduamente para reproduzir a divisão dos gêneros no meio social, corroborando a representação de uma essência feminina e outra masculina. As histórias estudadas são reveladoras da rigidez desses conceitos, da resistência em desnaturalizá-los.

Dentre as vantagens atribuídas ao gênero masculino, incluem-se: maior presença no espaço social; maior grau de poder, autoridade, prestígio e capacidade – intelectual, física, artística, científica – aplicados ou mencionados na relação direta e indireta com o gênero feminino, e também fora dela; e facilidade de transgressão.

[...] A prejudicial suspeita que pesa muitas vezes sobre os escritos masculinos a respeito da diferença entre os sexos não é inteiramente infundada. Não só porque o analista, que está envolvido por aquilo que ele crê compreender, pode, obedecendo sem perceber a intenções justificativas, tomar pressupostos que ele próprio adotou como revelações sobre os pressupostos dos agentes. Mas sobretudo porque, ao lidar com [tal instituição], e não tendo, portanto, para pensar a oposição entre o masculino e o feminino mais que um espírito estruturado segundo esta oposição, ele se expõe a usar, como instrumentos de conhecimento, esquemas de percepção e de pensamento que ele deveria tratar como objetos de conhecimento. (BOURDIEU, 2012, p. 137-138).

Dessa maneira, o autor estabelece que a violência simbólica serve como um meio de perpetuação da dominação de certos grupos por outros a partir do estabelecimento de valores simbólicos habituais e da reprodução acrítica desses

valores em várias instâncias da sociedade. Esses valores podem ser instituídos de diversas maneiras. Dessa forma, destaca-se, por exemplo, “o sistema de adjetivos como uma maneira de reprodução desse tipo de violência, portanto não seria extraordinária a análise dos contos de fadas no sentido de detectar possíveis violências simbólicas reproduzidas por tais narrativas.” (CARDOSO; PAZÓ, 2017).

Assim, compreender e refletir sobre a temática exige que professores estudem e conheçam a construção do gênero na infância no âmbito escolar, de modo que estejam preparados para lidar com o assunto (DAROS, 2013), pois as pessoas que estão envolvidas no processo educativo estão imbuídas por uma visão de mundo que sustenta sua maneira de estar neste mundo, o que reflete nas relações entre homens, mulheres, meninos e meninas de acordo com as expectativas esperadas.

Assim, pergunta-se: qual a verdadeira intenção pedagógica do uso dessa literatura nas escolas nos dias atuais? Em primeiro lugar é preciso lembrar que o manejo pedagógico com os contos de fadas exige que o professor esteja instrumentalizado com conhecimentos teóricos sobre sua importância e função na formação da criança. É preciso, também, como afirma Jardim (2001, p. 75), “[...] que ele tenha estabelecido objetivos claros para o trabalho que desenvolverá de posse desses requisitos, pode então partir para a análise de obras que pretende selecionar.”

Nesse sentido, Bourdieu e Passeron (2014) esclarecem essa análise das histórias infantis como um campo de violência simbólica, trazendo a escola como o eixo central para essas reflexões. Para esses autores, a escola, ao mesmo tempo que inclui, também exclui:

[...] e as violências mais ou menos importantes que, continuamente, têm tido como objetivo os estabelecimentos escolares mais deserdados, nada mais são que a manifestação visível dos efeitos permanentes das contradições da instituição escolar e da violência de uma espécie absolutamente nova que a escola pratica sobre aqueles que não são feitos para ela. Como sempre, a Escola exclui: mas a partir de agora, exclui de maneira contínua [...] e mantém em seu seio aqueles que exclui, contentando-se em relegá-los para os ramos mais ou menos desvalorizados. (BOURDIEU; PASSERON, 2014, p. 224).

Mas não apenas de aspectos positivos é formado o conhecimento produzido sobre a utilização dos contos no processo de ensino-aprendizagem. Nessa ótica, Bastos e Nogueira (2016) afirmam que enquanto há, de um lado, aqueles que

encontram nos contos um diferencial para as crianças e entendem que as histórias ajudam em seu desenvolvimento, amadurecimento e na resolução dos conflitos internos, por outro lado há outros estudiosos, os quais compreendem os contos de fadas como nocivos por servirem de instrumento de veiculação e perpetuação de diferentes estereótipos e ideais, como a subordinação feminina.

3 PERCURSO TEÓRICO-METODOLÓGICO

Com relação à abordagem metodológica, este estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa do tipo exploratório. De acordo com Gil (2008), a pesquisa exploratória proporciona maior familiaridade com o problema, visando a torná-lo mais explícito envolvendo o levantamento de literatura. Do ponto de vista dos procedimentos técnicos, refere-se a uma pesquisa de literatura, realizada a partir de livros e artigos científicos sobre a temática, com o uso de material já publicado, constituído principalmente de livros, artigos de periódicos e material disponibilizado na internet (GIL, 2008).

3.1 Procedimento de Seleção dos Contos

O processo de apropriação dos conteúdos ocorreu mediante leituras das histórias de três contos. Destacam-se os contos da Mamãe Gansa *A Bela Adormecida* e *Cinderela*, escritos por Charles Perrault e adaptados pelos irmãos Grimm, e *Branca de Neve*, escrito apenas pelos irmãos Grimm. Esses contos foram selecionados pelo fato de apresentarem diálogos em que se perceberam vários tipos de violência simbólica, estes destacados nas narrativas dos personagens e entre seus pares.

3.2 Tratamento e Análise das Informações

Após a seleção dos contos foram identificadas as narrativas que trazem manifestações de violência simbólica em seu contexto. Em seguida, as narrativas foram analisadas sob as orientações da técnica da Análise de Discurso, na qual,

segundo Orlandi (2009, p. 72), “[...] não se toma o texto como ponto de partida absoluta (dadas as relações de sentido) nem de chegada.” Um texto é só uma peça de linguagem de um processo discursivo bem mais abrangente e é assim que deve ser considerado.

4 ANÁLISE DAS NARRATIVAS

Pretendeu-se analisar como as personagens se fazem presentes nos discursos por meio da imagem da madrasta, da mãe, da criança, da beleza, da morte, do ódio, do amor, da tristeza, da alegria, das lágrimas, da vingança, da crueldade, da compaixão, da traição, da feitiçaria, da inveja, do narcisismo, enfim, da mulher na sociedade. Não se pode esquecer de destacar que esses contos foram escritos há mais de 200 anos, sendo considerados, assim, um fato histórico e social.

As personagens, com o passar dos tempos, foram sendo modificadas em razão da cultura de cada geração, e essas modificações ocorreram em virtude de as mulheres terem conquistado seu espaço paulatinamente perante os fatos históricos ocorridos na sociedade. As princesas são aqui representadas por Branca de Neve, Bela Adormecida do Bosque e Cinderela (Borracheira ou Chinelinha de Cristal).

4.1 A beleza como alvo de perseguição e punição

Nos trechos a seguir, nas versões da *Borracheira* ou *Cinderela*, de Perrault e Grimm, e *Branca de Neve*, dos Grimm, observa-se quando a beleza das princesas se torna alvo de perseguição e punição:

Cinderela obedecia e chorava, porque ela queria ir com elas para o baile, e implorava à madrasta que deixasse-a ir.
“Você Cinderela”, disse ela, “coberta de pó e sujeira como você sempre está. Você não tem roupas nem sapatos, e nem sabe dançar.” E mesmo assim Cinderela continuava pedindo. (GRIMM; GRIMM, 2008).

Dessa forma, a violência simbólica é analisada no conto; em *Cinderela* as mulheres são violentadas simbolicamente por meio da inculcação de “esquemas de percepção” androcêntricos, limitando-as e aprisionando-as tanto física quanto

simbolicamente ao inscrever nos corpos a maneira de agir, de se comportar e de se submeter ao modelo imposto culturalmente (TAVARES; NERY, 2012, p. 14).

Em *Cinderela*, percebe-se a perseguição da madrasta e das irmãs postiças ao questionarem se Cinderela queria ir ao baile. Então, esta fica surpresa com a proposta, mas, ao mesmo tempo, questiona a si própria quando indaga que o lugar da festa não seria apropriado para uma pessoa como ela. Pode-se perceber a rivalidade feminina nas falas das irmãs postiças, pois elas acham Cinderela linda, mas, temendo por mais uma concorrente aos olhares do príncipe, que escolheria uma moça para se casar, concordam com ela.

No trecho citado, revela-se que as mulheres foram cúmplices umas das outras, pois tanto a madrasta quanto suas filhas maltrataram simbolicamente Cinderela em vez de defendê-la. Segundo Tavares e Ney (2012, p. 13), as mulheres são “cúmplices” da violência e contribuem para perpetuar a reprodução de sua “dependência” porque são “instrumentos” da dominação masculina e da sociedade, mesmo não sendo voluntária, como uma escolha sua, já que elas estão historicamente expostas de forma inferior nas relações de poder.

Portanto, partindo dos discursos nos quais estão as personagens representadas pela madrasta, o poder simbólico também está presente no conto de Branca de Neve quando a madrasta, movida por inveja e ciúmes, sente-se no direito de mandar matar a jovem por ser mais bonita que ela. “Ao crescer a beleza da menina desperta na rainha inveja e motiva sua crueldade, a ponto de ela tentar cometer assassinato.” (GRIMM; GRIMM, 2008).

Nesse discurso, o narcisismo da madrasta também é acompanhado de rivalidade e de inveja pela mulher mais velha, por querer ser ela a mais bonita de todo o reino, e assim, em um ato de crueldade ao descobrir que a sua beleza não era a única e temendo perder o seu espaço social, manda matar a sua rival. Assim, conforme Corso e Corso (2006), essa talvez seja a origem da agressividade latente e da rivalidade sutil que permanece na relação das mulheres entre si, independentemente da idade e do tipo de vínculo.

Torna-se essa rivalidade como se fosse algo natural do poder patriarcal, como regras imputadas na sociedade em que a união feminina precisa ser aceita e não

questionada. Esta que foi criada pela ideologia da dominação masculina.

A versão masculina é a que ficou entre nós, afinal de contas, a sociedade patriarcal nos ensina que relações harmoniosas somente são possíveis de se concretizarem entre os homens e não entre as mulheres. Desse modo o sentido do termo *sororidade* necessita ser resgatado e formas de vivenciar este tipo de relação necessitam ser ensaiadas também durante o trabalho de pesquisa. (BECKER, 2015, p. 4).

Percebem-se as rivalidades entre as falas das madrastas e das jovens, mesmo que as princesas não consigam entender o porquê dessa disputa. Citam-se nessa linha de discurso esses confrontos de uma guerra declarada das madrastas para com as princesas, estas existentes nos contos tradicionais a seguir.

Nos contos de *Branca de Neve*, as suas lutas iniciam-se com a perseguição da rainha, ao descobrir que a sua beleza a incomodava. Então, desde a sua saída de casa para se proteger das ameaças de morte feitas pela rainha, ao pente e à maçã envenenada, a madrasta de Branca de Neve trava uma luta de perseguição à frágil moça. E um dos elementos ameaçadores que fizeram com que Branca de Neve não resistisse à tentação é a maçã, assim como exemplifica Grimm, quando a astuta madrasta, com receio de que a jovem se recusasse a comer a fruta a qual lhe foi oferecida, dá a primeira mordida, e Branca de Neve, não resistindo à tentação em também poder saborear a maçã, dá a segunda mordida, com isso novamente a jovem é enganada.

A maçã tinha sido tão habilmente preparada, que somente a parte vermelha estava envenenada. Branca de Neve ansiava pela bela maçã e, ao ver que a camponesa estava comendo sua parte, não conseguiu resistir e, estendeu a mão, apanhando a metade envenenada. Ela mal havia dado a primeira mordida e caiu no chão, morta. (GRIMM; GRIMM *apud* CALLARI, 2012, p. 9).

A simbologia representada pela maçã é aqui analisada por Bettelheim (2014, p. 70): “em muitos mitos e contos de fadas, a maçã representa o amor e o sexo, nos seus aspectos benevolentes e perigosos.” O autor segue abordando que “a maçã dada a Afrodite, deusa do amor, mostrando que ela era a preferida entre as deusas, levou à Guerra de Troia.” A maçã bíblica seduziu o homem e fê-lo renunciar à inocência para conseguir conhecimento e sexualidade.

Nos contos de *A Bela Adormecida do Bosque*, suas lutas são declaradas logo

após seu nascimento, quando aparece na festa de seu batismo a única “fada má”, que não foi convidada. Por sua ira, lança-se sobre a criança uma maldição de que quando completasse 15 anos, a princesa espetaria seu dedo numa roca de fiar e cairia morta. Eis que surgem as fadas-madrinhas, que levaram consigo presentes para a criança:

A mais nova deu-lhe o dom de ser a mais bela do mundo; a que veio depois, a de ter alma de anjo; a terceira, de ser dotada de graça admirável em tudo o que fizesse; a quarta, de dançar perfeitamente bem; a quinta, de cantar como um rouxinol; a sexta, de tocar todas as espécies de instrumento com perfeição. Chegando sua vez, a fada velha disse balançando a cabeça, mais por despeito que por velhice que a princesa furaria a mão com um fuso e disso morreria. (PERRAULT, 2007, p. 84).

Com essa maldição, todos os que estavam presentes na festa ficaram tristes e não houve quem não quisesse os ajudar, mas ninguém tinha o dom de desfazer tal feitiço. Não conseguindo desfazer por completo a maldição, as “boas fadas” fizeram uma magia que pudesse proteger a princesa da morte, porém ela dormiria em um sono profundo por 100 anos e seria despertada pelo filho de um rei.

4.2 A violência simbólica por meio da dominação masculina

Presume-se, a partir das narrativas apresentadas, que as personagens passaram por uma violência psicológica em decorrência da morte de suas mães, então, no caso, o dever, o proteger e/o cuidar passam a ser exclusivamente dos pais das personagens femininas. Mas o que ocorreu foi o fato de eles as negligenciarem pela falta de proteção, ao não darem os devidos suportes, como as necessidades físicas e emocionais, para suas filhas. Desse modo, Corso e Corso (2006, p. 53) esclarecem que “todas as crianças preservam um eixo de vigilância e punição o que nos permite tomá-lo como um conto de advertência, forjado nas tramas da microfísica do poder disciplinar.”

Nesse sentido, o Ministério da Saúde (1997, p. 14) define violência psicológica como “a interferência negativa do adulto sobre a criança e sua competência social, conformando um padrão de comportamento destrutivo.” Nesse caso, o órgão evidencia as especificidades e as define entre alguns limites, do que pode ou não ser retratado como violência, uma vez que se trata dos valores culturais de cada família

na educação de seus filhos. Visto que a criança está em fase de formação, cabe a um adulto, no caso, pais e/ou responsáveis, cuidá-la e/ou educá-la, se necessário, com algum tipo de punição.

Infere-se, com base nas punições e perseguições das madrastas com as personagens dos contos, que estas infringiriam a lei de proteção à criança e ao adolescente. Como esclarece a publicação do Ministério da Saúde (1997, p. 11), esse órgão considera a violência doméstica contra a criança e o adolescente como: “Uma violência interpessoal e intersubjetiva [...], um abuso do poder disciplinar e coercitivo dos pais ou responsáveis [...], um processo que pode se prolongar por meses e até anos. ”

Assim, podem-se classificar as perseguições das madrastas para com as personagens como uma forma de negligência – abandono e/ou abuso físico, psicológico e emocional –, uma vez que o “pai”, sendo um representante na figura patriarcal, deveria protegê-las dos perigos, mas é apenas um figurante que aparece nos contos somente no início do drama, desaparecendo quase por completo da ficção.

Neste trecho destacam-se alguns discursos das representações do poder simbólico nos contos. Evidenciam-se discursos dessas narrativas a respeito de: quanto vale a beleza feminina? Configuram-se as narrativas desses discursos entre o poder de posse dos príncipes sobre a beleza que enaltece as donzelas dos contos, aqui representadas por Branca de Neve, A Bela Adormecida No Bosque e A Borralheira (ou Cinderela).

Certo dia, um príncipe que andava pelas redondezas avistou o caixão de vidro, e dentro estava a bela donzela. Logo, o príncipe ficou tão apaixonado que perguntou aos anões se podia levá-la para seu castelo. Os anõezinhos tiveram compaixão e lhe deram o caixão, o príncipe o transportou até o seu castelo e o deixou em seu quarto, ele próprio sentava-se o dia inteiro ao seu lado e não podia evitar olhá-lo [...] (GRIMM; GRIMM, 2008).

Baseado nesse trecho, o amor que o príncipe parecia sentir se resume apenas ao visual, pois o jovem nem a conhecera antes, apenas observou que a princesa, mesmo morta, permanecera linda. Isso reforça o poder em tê-la sempre por perto. Consideram-se as afirmações de Mendes (2000) de que a beleza era o maior “estigma” da feminilidade e que se a mulher não fosse bela, não seria feminina. Era o

primeiro dom com que se preocupavam as fadas e era a razão da interferência do herói. O príncipe só salvava a jovem ameaçada ou atingida pelo mal depois de vê-la e encantar-se com sua infinita beleza. Ainda de acordo com a autora:

A bondade, a delicadeza, a honestidade, o recato e a obediência eram outros preceitos da fragilidade feminina. As personagens que não tinham esses atributos e tentavam se impor pela inteligência, pela maldade, pela inveja ou pela indelicadeza eram punidas, ou simplesmente esquecidas. (MENDES, 2000, p. 130).

Desse modo, o desejo masculino se organiza num desejo de posse, de dominação erotizada.

No discurso de *Borracheira* (ou *Cinderela*), destaca-se que essa função está simbolizada pela busca empreendida pelo príncipe a fim de encontrar a encantadora donzela que despertou sua atenção. A única mulher que poderia calçar o sapatinho perdido. Já no terceiro dia do baile, o príncipe toma algumas atitudes nada convenientes aos padrões culturais, como o poder de posse, porque tinha medo de voltar a perdê-la: “O príncipe então aproximou-se dela, pegou sua mão e dançaram a noite toda. Ele não quis dançar com nenhuma outra moça, não soltou a mão dela nem por um único instante e, se alguém a convidava para dançar, ele dizia: ‘Ela é minha’.” (GRIMM; GRIMM, 2008).

Assim, com base nesse

[...] discurso de superioridade do homem, historicamente, houve a construção da noção de inferioridade da mulher, baseada na sua perspectiva biológica, haja vista que os naturalistas buscavam descrever as fêmeas como seres frágeis, que deveriam se manter na castidade, pois era isso que eles esperavam de suas mulheres e filhas (BOURDIEU, 2012, p. 30).

De acordo com Bourdieu (2012), assevera-se que há vestígios de “violência simbólica” nas narrativas das personagens femininas dos contos citados, uma violência que fere mais a “alma” que o corpo, pois não se trata da violência física, mas da “psicológica”. Ainda segundo o sociólogo:

Sempre vi na dominação masculina e no modo como é imposta e vivenciada, o exemplo por excelência [...] (da) submissão paradoxal, resultante daquilo que eu chamo de violência simbólica, violência suave, insensível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias [...] simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento, ou, em última instância, do

sentimento. (BOURDIEU, 2012, p. 7).

O autor reforça que para ser aceito socialmente, o dominado, de forma invisível, concorda com certas regras impostas pelo dominante, e este, por sua vez, obriga-o, por força da violência simbólica, a se submeter a essas significações. Apontam-se em mais algumas citações do discurso machista o poder de posse nos contos de *A Bela Adormecida do Bosque*, de Charles Perrault, visto que, de tempos em tempos, príncipes surgiam tentando chegar até o castelo:

Após cem anos de espera, eis que surge no castelo um corajoso príncipe, decidido a ver a bela princesa adormecida. Entrando no palácio, o príncipe percebeu que todos, assim como a princesa adormeceram. Continuando sua busca pela princesa, alcançou a torre, deparando-se com a Bela Adormecida. A paixão foi instantânea, pois sua beleza fazia jus aos boatos que surgiram nos reinos vizinhos. Então, aproximou-se tremendo e admirado, e ficou de joelho ao lado dela. (PERRAULT, 2007 *apud* BENEDETTI, 2012, p. 31).

É sabido, ao estabelecer na figura feminina o lugar de submissão, de espera, que a bela princesa ficou esperando durante 100 anos por um homem que nem ao menos sabia que existia. Então, para Bourdieu (2012, p. 49), o poder da figura feminina era submetido ao poder simbólico:

Ela repousa sobre o que chamei de violência simbólica, ou seja, a violência de percepção, maneiras de ver que são produto da relação de domínio, dominação. Isso não significa que as mulheres sejam idiotas, fracas ou submissas; quer dizer que as estruturas sociais levam-nas – desde a infância, na família, na escola – a incorporar, interiorizar um tipo de relação masculino feminino através, por exemplo, do sistema de adjetivos [...] Tentei analisar tudo isso e mostrar que se trata de uma dominação muito difícil de ser modificada, pois não basta que se faça uma revolução econômica; é preciso também uma revolução simbólica nas cabeças. (Seria a mesma coisa no caso da dominação étnica entre brancos e negros).

Esse poder simbólico, o poder de posse sobre o outro, é estabelecido pelo autor como um meio pelo qual a violência simbólica é manifestada pela continuação da dominação, pelos hábitos e valores simbólicos de vários grupos inseridos na sociedade. Seguindo a ideia de Bourdieu (2011) de que o poder simbólico se confirma quando aceito como não arbitrário, ou seja, quando os dominados ignoram sua arbitrariedade, é possível desconfiar que todo esse marketing em torno do empoderamento das mulheres esteja maquiando uma violência simbólica.

4.3 A violência moral e física

Presume-se a violência em várias facetas, destacando-se a violência física nas narrativas de alguns personagens dos contos. Nos trechos seguintes elencam-se alguns personagens que usaram a reprodução da violência física:

A madrasta, que acreditava ter matado Branca de Neve, também foi convidada para o casamento. Ao chegar lá, reconheceu a enteada e ficou muito assustada com a surpresa. Porém, os serviçais do castelo já haviam preparado para ela sapatos de ferro, recém-tirados do fogo, os quais ela teve que calçar a noite inteira. Exausta e se retorcendo de tanta dor, no fim da noite, a malvada mulher deu seu último suspiro, e junto com este, saiu também sua alma, que foi em direção ao inferno. (GRIMM; GRIMM, 2008).

Segue o discurso da reprodução da violência física no conto de Branca de Neve representada pela madrasta, que anseia pela morte da menina: “A bela menina foi crescendo e o ódio da rainha aumentando. Um dia a rainha chamou um caçador e ordenou: ‘Leva a menina para a floresta, mate-a e, como prova de que cumpreste a minha ordem, traze-me o seu pulmão e seu fígado’.” (GRIMM; GRIMM, 2008).

No campo simbólico, constituído por maneiras de ver e de pensar, ocorre a produção social da violência simbólica. Bourdieu (2012, p. 16) assim a define: “A violência simbólica é uma violência que se exerce com a cumplicidade tácita daqueles que a sofrem e também, frequentemente, daqueles que a exercem na medida em que uns e outros são inconscientes de a exercer ou a sofrer.”

No conto da Bela Adormecida, o poder simbólico acontece quando uma das fadas-madrinhas se sente traída por não ter sido convidada para a festa de batismo. Com sede de vingança, deseja a morte da futura princesa: “A princesa picará o dedo no fuso, e dormirá em um sono profundo por cem anos.” (GRIMM; GRIMM, 2008).

No conto de Borracheira (ou Cinderela), a própria mãe das meias-irmãs de Cinderela, tomada pela ganância de dominação, tornou-se desejosa em casar suas filhas com o príncipe e induz uma das filhas à mutilação de um dos seus membros:

Na manhã seguinte, ele disse a seu pai que não se casaria com nenhuma moça, a não ser a dona do pé que coubesse neste sapato. As duas irmãs estavam felizes pois tinham pés pequenos. A mais velha entrou no quarto com o sapato e tentava calçá-lo enquanto sua mãe olhava. Mas ela não conseguiu colocar o sapato por causa de seu dedão do pé.

O sapato era muito pequeno para ela. Então a mãe lhe deu uma faca e disse: “Corta o dedão, quando você for rainha, não precisará andar muito a pé.” A moça cortou fora o dedão, forçou o pé para dentro do sapato, disfarçou a dor e foi ver o príncipe. (GRIMM; GRIMM, 2008).

E as filhas inculcam o poder de reproduzir aquilo que sua mãe as obriga a fazer. De acordo com Tavares e Nery (2012, p. 14), as autoras confirmam que as mulheres, longe de serem cúmplices ou passivas com relação à violência que sofrem, são sujeitos inseridos em campos de força onde existem lutas simbólicas, encontram-se em forças desiguais de poder em relação ao homem e são subjugadas e sujeitas à dominação masculina.

No trecho a seguir, da mesma versão dos Grimm, ocorre a violência física entre as irmãs postiças no momento em que acontecia o casamento de Cinderela.

Quando os noivos chegaram à igreja, a mais velha estava à direita e a mais nova à esquerda, e as pombinhas arrancaram um olho de cada uma das irmãs. Depois, quando voltavam, a mais velha estava à esquerda e a mais nova à direita, e as pombinhas arrancaram o outro olho de cada uma delas. E então, por sua maldade e falsidade, elas foram punidas com a cegueira até o fim de suas vidas. (GRIMM; GRIMM, 2008).

Como o desejo da madrasta de Cinderela não foi consentido, quem pagou um alto preço pela busca desse poder foram suas filhas, ao terem os olhos arrancados por aves de rapinas, tendo, por fim, os seus devidos castigos.

Entende-se que os motivos da violência física são geralmente pautados nos sentimentos de poder, superioridade e/ou desprezo que um ser tem pelo outro. São violências que deixam marcas no corpo do violentado, que sangram e provocam medo. Para Carneiro (2013), as violências são, muitas vezes, cometidas de pais para filhos, de homem para mulher, contra o idoso, contra o negro, além da violência gerada por acesso de fúria, em que um indivíduo acha que tem domínio sobre o corpo do outro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscou-se trazer com este trabalho alguns contos infantis: *Branca de neve* (o espelho mágico) e a *Bela adormecida* (o beijo do amor verdadeiro), que são

personagens com várias semelhanças: as duas são princesas, brancas, são desejadas pelos pais desde o nascimento, são enfeitiçadas por uma bruxa, adormecem em um sono profundo até a chegada dos príncipes para salvarem-nas da maldição, e precisam sair do castelo para se manterem vivas (sair do aconchego do lar para conhecer o novo); e *Cinderela* (o sapatinho de cristal), que também é uma princesa, branca e vive à espera de um príncipe encantado. Essas três princesas são exemplos típicos do padrão de beleza imposto pela sociedade e pela mídia, são estereotipadas como boas moças, submissas e que sempre ficam à espera do príncipe encantado.

Os contos citados foram escritos para diversas pessoas e culturas diferenciadas daquela época, até porque as crianças não eram reconhecidas como crianças, por isso o teor dessas histórias é mais assustador. Conforme o tempo e a evolução da humanidade, essas histórias foram sendo modificadas com versões amenizadas, mas mesmo assim é possível perceber que ainda há rastros medonhos em alguns elementos das narrativas infantis. Assim, deve-se desmistificar a retórica de que essas histórias foram feitas para o público infantil e compreender que esse tipo de literatura faz parte do mundo adulto.

Então, cabe aqui ressaltar que é papel dos professores reescreverem os contos infantis antes de fazer a leitura, pois assim as histórias terão uma nova reflexão, sem preceitos e discursos moralistas equivocados, os quais, por vezes, são manifestos nas narrativas dos contos. Dentre as hipóteses possíveis está a maneira de se ler um texto, como, por exemplo: se no momento há emoção, encantamento gestual, visual e espacial expresso no leitor ao narrar uma história, e se as ideias são reflexivas ou se são lidas de modo automático, pois isso que faz com que o ouvinte se sinta confortável ao compreender o significado que aquela história está querendo passar. Porquanto, um texto pode ser lido por diversas vezes, por várias pessoas diferentes, o que acontece são as maneiras e os modos de se ler, pois existem, sim, todos os tipos de violência, do sombrio ao trágico, nos contos infantis, mas subentende-se que o problema não está nas histórias em si, mas em como são contadas e na finalidade com que a literatura está sendo representada em sala de aula.

Destaca-se que, durante a elaboração deste trabalho, percebeu-se que muitos

autores defendem os discursos contidos nos contos, logo, se para épocas anteriores à nossa tais histórias já eram consideradas aterrorizantes, então por que ainda na atualidade é utilizado esse método discursivo em sala de aula? Considera-se, a partir desta escrita, que a história não teve um fim, e isso nos permite uma reflexão mais detalhada acerca da contextualidade da geração desses contos infantis, pois continuarão a se perpetuar na sociedade.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil**: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 2009.
- ALMEIDA, M. T. de. **Conto de fadas**: além do encantamento. São Paulo: [s. n.], 2006. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/nucleos/filocom/existocom/artigo10c.html>. Acesso em: 12 set. 2017.
- AMARAL, C. I. **Representações do feminino e masculino nas estórias infantis**. 197f. 2004. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004. Disponível em: www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/.../celena.pdf. Acesso em: 20 de nov. 2017.
- BASTOS, R. A. S. M.; NOGUEIRA, J. R. Estereótipos de gênero em contos de fada: uma abordagem histórico-pedagógica. **Dimensões**, v. 36, p. 12-30, jan./jun. 2016. Disponível em: <http://www.portaldepublicacoes.ufes.br/dimensoes/article/viewFile/13864/9817>. Acesso em: 20 nov. 2017.
- BENEDETTI, I. C. Apresentação. In: PERRAULT, C. (org.). **Contos de Mamãe Gansa**. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2012. p. 7-22.
- BETTELHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fadas**. 36. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.
- BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- BOURDIEU, P. **Escritos da Educação**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Tradução: Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.
- BOURDIEU, P.; PASSERON, J. **A Reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2014.
- CALLARI, Alexandre. **Branca de neve**: os contos originais. São Paulo: Évora, 2012.
- CARDOSO, V. C.; PAZÓ, C. G. A violação dos direitos fundamentais das crianças e a reprodução da violência simbólica através dos contos de fada. **Revista Direitos Humanos e Democracia**, v. 5, n. 10, p. 21-45, 2017. Disponível em:

<https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/direitoshumanosedemocracia/article/view/6513>. Acesso em: 19 ago. 2018.

CARNEIRO, L. P. S. **A violência sofrida pelas personagens femininas nos contos**: Ana Davenga e os Olhos de Esmeralda. João Pessoa: [s. n.], 2013. Disponível em: <https://www.docgo.net/a-violencia-sofrida-pelas-personagens-femininas-nos-contos>. Acesso em: 20 nov. 2017.

CORSO, D.; CORSO, M. **Fadas no divã**: psicanálise nas histórias infantis. Porto Alegre: Artmedi, 2006.

DAROS, T. M. V. Problematizando os gêneros e as sexualidades através da literatura infantil. **Revista Práticas de Linguagem**, v. 3, n. 2, 2013.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, N. L. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural? **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 21, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n21/n21a03>. Acesso em: 13 nov. 2017.

GRIMM, Jacob; GRIMM, Wilhelm. **Branca de Neve**. Rio de Janeiro: SM Editora, 2008.

JARDIM, M. F. Critérios para análises seleções de textos de leitura infantil. In: SARAIVA, J. A. (org.). **Leituras e alfabetização**: do plano do choro ao plano da ação. Porto Alegre: Artmed, 2001.

MATOS, D. R. R. Os contos de fadas e a formação de valores morais. **Revista do SELL**, v. 4, n. 2, 2014. Disponível em: <http://www.seer.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/sell/article/view/456>. Acesso em: 13 nov. 2017.

MENDES, M. B. T. **Em busca dos contos perdidos**: o significado das funções femininas nos contos de Perrault. São Paulo: UNESP/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2000.

MENDONÇA, A. A. **Religião na Escola**: Registros e Polêmicas na Rede Estadual do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 125 p. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

MICHAUD, Y. **A violência**. São Paulo: Ática, 2001.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Violência contra a criança e o adolescente**: proposta preliminar de prevenção e assistência à violência doméstica. Brasília, DF: MS,

SASA, 1997.

MIRANDA, D. B. **Princesas de contos de fadas e crianças negras**: racismo, estética e subjetividade. 2010. 37 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) –Universidade Católica de Brasília, Brasília, DF, 2010.

OLIVEIRA, J. S.; BATISTA, E. C.; FERREIRA, D. F. Os contos infantis nas séries iniciais: uma breve contextualização. **Revista Caderno Pedagógico**, v. 13, n. 2, 2016. Disponível em: <http://univates.br/revistas/index.php/cadped/article/view/1148>. Acesso em: 20 ago. 2018.

ORLANDI, E. P. **Análise do discurso**: princípios e procedimentos. 8. ed. Campinas, SP: Pontes, 2009.

PERRAULT, C. **A Bela Adormecida no Bosque**. São Paulo: Iluminuras, 2007.

SCHNEIDER, R. E.; TOROSSIAN, S. D. Contos de fadas: de sua origem à clínica contemporânea. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 15, n. 2, p. 132-148, 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/per/v15n2/v15n2a09.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2017.

TAVARES, A. C. C.; NERY, I. S. Violência doméstica conjugal contra as mulheres: uma reflexão acerca da dimensão simbólica proposta por Pierre Bourdieu. *In*: ENCONTRO NACIONAL DA REDE FEMINISTA NORTE E NORDESTE DE ESTUDOS E PESQUISA SOBRE A MULHER E RELAÇÕES DE GÊNERO, 17., 2012, João Pessoa. **Comunicações Orais [...]** João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2012. Disponível em: <http://www.ufpb.br/evento/lti/ocs/index.php/17redor/17redor/paper/download/125/60>. Acesso em: 20 mar. 2018.

ZINELLI, B. N. **Os Contos de Fadas e a Criança**: um caminho para a elaboração simbólica. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Psicologia Porto Alegre, mar. 2015. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/141431/000992365.pdf?sequence=1>. Acesso em: 14 nov. 2017.